

Aqui Vamos Nós Outra Vez!

(Juízes 2)

Bruce McLarty

Recentemente, um amigo me contou que um pássaro voou para dentro da garagem dele e não conseguia achar a saída. Parece que o pequeno animal entrou em pânico e ficou muitíssimo desorientado naquela situação. Quanto mais ele tentava sair, pior ficava a sua situação. A porta da garagem foi larga o bastante para ele entrar, mas não parecia larga o bastante para ele sair! A família ficou com pena do pobrezinho e tentou ajudá-lo. Tentaram de tudo. Tentaram persuadir o passarinho, afugentá-lo e até fizeram uma trilha de alpinismo para mostrar a saída. Apesar de tudo isso, ele estava preso ali. Mais tarde, outros pássaros voaram para dentro da garagem parece que demonstrando para o colega preso que era fácil voar para fora. Ainda assim, ele estava preso. Ele voava de uma parede para outra, mas nunca para a porta que estava sempre aberta. Aquele pássaro pode simbolizar o estado de Israel na era dos juízes — e, muitas vezes, o estado dos cristãos atualmente.

Como vimos na lição passada, o Livro de Juízes descreve o “ciclo descendente de incredulidade de Israel” — a espiral descendente de uma nação fora de controle. Por deixarem de expulsar os perversos cananeus da terra, os israelitas se expuseram a uma catástrofe espiritual (2:1-5). Por todo o livro, os nomes e os lugares mudam, mas o ciclo traumático permanece assustadoramente constante. Juízes 2 percorre essa trajetória em cima da qual se constrói o restante do livro, os passos consecutivos de Israel para dentro da espiral descendente.

PASSO 1:

A DISPARIDADE DE UMA GERAÇÃO (2:6-10)

O maior problema de Israel não foi rebelião; mas a criação de filhos! Nos tempos de Josué e dos líderes de sua geração, Israel permaneceu fiel. Esse povo fora conduzido por Deus e havia atravessado com Ele o rio Jordão, conquistado Jericó e entrado na Terra Prometida. Conheciam bem a Deus e O reverenciaram enquanto viveram. Mas, quando morreram, a fé morreu com eles. Lemos o seguinte: “Foi também congregada a seus pais toda aquela geração; e outra geração após eles se levantou, que não conhecia o Senhor, nem tampouco as obras que fizera a Israel” (Juízes 2:10).

O início da espiral descendente de Israel pode ser traçado a partir da sua incapacidade de transmitir a fé aos seus filhos. Na retrospectiva que as Escrituras nos fornecem, podemos ver que eles deixaram por fazer uma das tarefas mais importantes de suas vidas, passar adiante a tocha da fé. Deus havia ordenado a Israel, por meio da lei:

Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Deuteronômio 6:6-9).

Quaisquer que tenham sido as razões, Israel fracassou várias vezes em sua missão para com os seus filhos.

Cada geração tem a necessidade urgente, como povo de Deus, de preparar a próxima geração para a sua própria caminhada com o Senhor. Um amigo meu arquiteto, que sempre trabalha com comitês de construção de prédios de igrejas, tem a teoria de que poucas pessoas são capazes de planejar para além do tempo que têm de vida. Por isso, um homem de cinquenta anos que espera viver até os setenta anos tende a fazer planos para não mais de vinte anos no futuro. Um velho de setenta anos que pensa que só vai viver até os oitenta anos tende a não olhar para um futuro além dos dez anos seguintes. Meu amigo acredita que pode analisar um membro de um comitê de planejamento ouvindo-o falar do futuro que ele tem em mente. Cinco anos? Dez? Vinte? Cinquenta? Que tal um comitê que está fazendo planos para a igreja daqui a cem anos? Quais prioridades seriam importantes num projeto para daqui a cem anos?

Um dos meus conselhos favoritos sobre criação de filhos vem de um homem que diz que, como pai, ele não está criando filhos. Isto seria ter uma visão muito curta. Ele afirma que seu trabalho é instruir os pais de seus netos. Era essa visão que Israel precisava ter e é essa visão que a igreja precisa ter atualmente!

PASSO 2:

INFIDELIDADE ESPIRITUAL (2:11–13)

O próximo passo na espiral descendente veio quando a geração que não conhecia a Deus voltou-se para os deuses dos cananeus. Para eles, aquilo certamente não era um problema grave. Afinal de contas, Deus nunca representou muito para eles; Ele era apenas o “Deus de seus pais” (2:12). Ele nunca tinha sido o Deus *deles*. Adorar baalins e Astarote foi apenas o passo que oferecia menor resistência. Quase podemos ouvir Israel lamentando diante do altar de Baal: “Todo o mundo está fazendo isto”. Sem um relacionamento com o Deus vivo, estavam completamente vulneráveis à tentação da idolatria. Já conheci pessoas que rejeitaram a Deus distanciando-se propositalmente dEle e fechando a porta para Ele, mas a maioria das pessoas não age assim. Elas se movem para onde o vento sopra. Quando ele sopra para longe de Deus, elas se afastam de Deus, também, sem decidir isso de modo consciente.

PASSO 3:

IRA DIVINA (2:14, 15)

O que acontece a seguir no ciclo de Juízes é difícil de entender e ainda mais difícil de apreciar. O registro bíblico diz:

Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel e os deu na mão dos espoliadores, que os pilharam; e os entregou na mão dos seus inimigos ao redor; e não mais puderam resistir a eles. Por onde quer que saíam, a mão do Senhor era contra eles para seu mal, como o Senhor lhes dissera e jurara; e estavam em grande aperto (2:14, 15).

Será que Deus pôde realmente fazer algo tão severo e doloroso? Deus permitiria que as pessoas sofressem por causa da iniquidade delas? Com certeza, não é essa noção que se tem de Deus hoje em dia. Pelo contrário, muitos definem Deus como sendo sempre positivo, afirmativo, tolerante e absolutamente incapaz de irar-Se.

Em contraste com essa visão de que Deus não julga está a reação de um grupo de pornográficos, após um grave terremoto ocorrido em 1993, em Los Angeles, quando setenta dos maiores estúdios e distribuidoras de pornografia da região sofreram sérios prejuízos. Diversos filmes foram danificados, e a maior parte dos equipamentos foi destruída. Como o pessoal da indústria pornográfica interpretou esses acontecimentos? Pelo menos alguns acreditaram que aquilo foi um castigo de Deus pela iniquidade deles. Certo empresário de atores de pornografia disse: “Nossos clientes com certeza estão precisando de motivação. Eles estão com medo de Deus. Estou dizendo: o que não faz um ataque religioso!”¹

E o que dizer da Aids? Durante os últimos anos, uma das perguntas mais indagadas pelas pessoas dentro e fora da igreja é se a Aids poderia ser o juízo de Deus sobre a iniquidade da terra. Por um tempo, eu era rápido em responder: “Não! Deus não faria uma coisa dessas!”. Mas agora sou muito mais cauteloso ao responder.

As Escrituras nos advertem contra uma rígida racionalização do pecado e do sofrimento do tipo causa-e-efeito. Se todas as pessoas culpadas de pecados sexuais fossem mortas por Deus, o ramo das funerárias estaria mais ativo do que já está agora! Os amigos de Jó, quando confrontados

¹“God’s Wrath Upon Pornography?” (“A Ira de Deus sobre a Pornografia?”) *Christianity Today*, 7 de março de 1994, p. 57.

pelo motivo do sofrimento de Jó, cometeram o erro de presumir que ele devia ter pecado gravemente, já que estava sofrendo tanto. No final, Deus repreendeu os “amigos” de Jó por definiram presumivelmente que o sofrimento de Jó estava ligado a um pecado dele. Jesus também deixou claro que o pecado não explicava a tragédia do massacre dos galileus nem o desastre na torre de Siloé (Lucas 13:3). Todavia, também podemos ir longe demais na outra direção, concluindo que a ira de Deus nada tem a ver com a destruição em Los Angeles nem com a devastação da Aids. Logo nos primórdios de sua história, Israel fora alertada:

Guardai-vos não vos esqueçais da aliança do Senhor, vosso Deus, feita convosco, e vos façais alguma imagem esculpida, semelhança de alguma coisa que o Senhor, vosso Deus, vos proibiu. Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consume, é Deus zeloso (Deuteronômio 4:23, 24).

A ira era uma dimensão visível da personalidade de Jesus, e ela continua fazendo parte da natureza de Deus hoje. Embora possa ser socialmente inaceitável dizer que a natureza de Deus inclui outros sentimentos além de misericórdia, Ele continua tendo ira.

PASSO 4:

O CLAMOR DESESPERADO (2:15b, 18b)

A maioria de nós não conseguimos ver o céu sem inclinarmos um pouco as costas! Isto se aplica a nós e também a Israel. Quando Deus entregou a nação de Israel aos inimigos, ela ficou “em grande aperto” e gemeu. Enquanto a vida seguia bem, enquanto tinham o controle de tudo, enquanto eram auto-suficientes, eles se esqueceram de Deus. Só quando não tinham nenhuma outra opção é que começaram a cantar sua versão de “De onde me virá o socorro?”

Cresci ouvindo falar como as igrejas fizeram reuniões especiais de oração quando as Guerras Mundiais explodiram, quando o Dia “D” foi anunciado e quando foram assinados os tratados de paz. Eu não tinha experimentado nada semelhante até que, alguns anos atrás, explodiu a guerra no Golfo Pérsico. Quando o ataque via terrestre estava próximo, muitas igrejas norte-americanas fizeram cultos especiais de oração. Diante da possibilidade de haver uma quantidade grande de baixas por morte, as pessoas decidiram que “a única coisa que restava fazer era orar”.

Convencidos de que tudo voltara ao controle, as reuniões de oração cessaram. As dificuldades nos fazem buscar a Deus. Talvez censuremos o comportamento de Israel nessa ocasião e em tantas outras, durante a era dos juízes, mas, atualmente, nós também agimos da mesma forma.

PASSO 5:

DEUS LIVRA (2:16)

A próxima parte do resumo do escritor é breve e adocicada: “Suscitou o Senhor juízes, que os livraram da mão dos que os pilharam” (2:16). Talvez o aspecto mais surpreendente de todo o ciclo seja que Deus continuou livrando Israel; Ele Se recusou a desistir deles. Deus fez isto levantando juízes. Alguns deles foram basicamente líderes militares num período de crise, enquanto outros serviram mais como governantes em tempos de paz. A presença dos juízes em Israel era um lembrete da fidelidade de Deus. Esse amor insistente seria proclamado na pregação de Jesus e seria demonstrado com todo o poder na cruz. Embora Deus seja muitas vezes menosprezado pelo Seu povo e ignorado durante o período em que gozam de conforto, Ele continua ouvindo os clamores dos Seus filhos e os livra quando eles chamam. Este é, sem dúvida, o aspecto mais surpreendente na espiral de Juízes.

PASSO 6:

PAZ NA TERRA

Embora este fato não seja mencionado no resumo desta seção, uma parte regular das histórias narradas em Juízes é a paz que houve na terra após o livramento providenciado por Deus através dos juízes.

Então, a terra ficou em paz durante quarenta anos (3:11).

...e a terra ficou em paz oitenta anos (3:30).

E a terra ficou em paz quarenta anos (5:31).

...e ficou a terra em paz durante quarenta anos nos dias de Gideão (8:28).

PASSO 7:

AQUI VAMOS NÓS OUTRA VEZ! (2:17–19)

Infelizmente, o ciclo termina (e começa novamente) com o registro de que os israelitas “se prostituíram após outros deuses e os adoraram” (2:17). Balançamos a cabeça e pensamos: “Quando será que vão aprender?” De fato, quando é que nós vamos aprender?

CONCLUSÃO

Existe alguma esperança? Podemos parar essa espiral descendente? Penso que sim e creio que a resposta se encontra na antiga palavra que cheira a bolor: “aliança”.

O conceito de “aliança” perpassa todo o capítulo 2. No início, o mensageiro de Deus declarou:

Do Egito vos fiz subir e vos trouxe à terra que, sob juramento, havia prometido a vossos pais. Eu disse: nunca invalidarei a minha aliança convosco. Vós, porém, não fareis aliança com os moradores desta terra; antes, derribareis os seus altares... (2:1, 2).

“Aliança” é uma palavra de enorme importância na Bíblia. Deus fez uma aliança com Israel, e Ele sempre foi fiel a essa aliança. Israel, por outro lado, foi inconstante e volúvel, sempre indo atrás de outros amores (deuses). No Novo Testamento (nova aliança), Jesus disse aos Seus discípulos na última ceia que o copo de vinho que Ele segurava representava o “sangue da aliança” (Mateus 26:28)! Isto por si só já é o bastante para se dizer que aliança é um negócio sério. Aliança é um compromisso, um contrato, uma promessa obrigatória. Nós a ouvimos em cerimônias de casamento, quando duas pessoas ficam em pé e declaram: “Prometo perante Deus e perante estas testemunhas que serei uma esposa/um marido fiel na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na doença e na saúde, e a ninguém mais amarei até que a morte nos separe”.

Israel havia feito uma aliança semelhante a essa com Deus, no monte Sinai, mas mostrou-se infiel. Apesar das oportunidades que Deus deu a Israel de voltar-se para Ele, em Juízes, o povo jamais fez isto. Quando estavam com problemas, clamavam por socorro, mas seus gritos de desespero suplicando por ajuda não devem ser confundidos com arrependimento genuíno. Vejamos novamente o resumo da espiral descendente em Juízes. Em nenhum momento se menciona que eles voltaram para Deus renovando a aliança. Eles suplicavam por livramento, mas nunca voltavam de fato para Deus; levavam suas dores até Ele, mas não os seus corações. Por isso, a espiral continuou e o ciclo nunca foi rompido. Todos querem a ajuda de Deus, mas poucos querem o compromisso de uma aliança que exija fidelidade e devoção exclusivas. Jesus observou

essa diferença quando ensinou:

Mateus 7:21

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.”

O capítulo 2 também observa que cada vez que Israel rompia a aliança com Deus, eles não voltavam para onde estavam da última vez que haviam desobedecido. Pelo contrário, “reincidem e se tornavam piores do que seus pais” (2:19). Viver para Deus é como guiar uma bicicleta: é impossível ficar no mesmo lugar por muito tempo. Desde 1986, trabalho com igrejas perto de *campi* universitários, de modo que me relaciono com jovens que estão atravessando uma fase crítica da vida. Todos os anos partilho com os estudantes recém chegados minha convicção de que eles deixarão a faculdade (em quatro, cinco ou dez anos!) como pessoas significativamente melhores ou significativamente piores do que quando ali chegaram. Serão muito mais fortes no Senhor ou muito mais fracos. Ninguém fica estacionado, como descobriram os israelitas no Livro de Juízes.

Após se estabelecer o ciclo de Juízes no capítulo 2, fala-se novamente na aliança nos seguintes termos:

Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel; e disse: Porquanto este povo transgrediu a minha aliança que eu ordenara a seus pais e não deu ouvidos à minha voz, também eu não expulsarei mais de diante dele nenhuma das nações que Josué deixou quando morreu (2:20, 21).

Fidelidade à aliança com Deus ainda é um fator crucial para um relacionamento vívido e próspero com Ele. Sem isto somos muito mais parecidos com Israel na era dos juízes ou com aquele pássaro azul desorientado e preso numa garagem; quanto mais tentamos nos libertar, mais frustrados ficamos. Se o nosso pequeno colega soubesse que os moradores da casa tinham as melhores intenções para com ele, ele poderia ter relaxado, se colocado nas mãos deles e experimentado a alegria de ser liberto de sua prisão. Oro para que todos nós tenhamos mais sensibilidade do que aquele pássaro azul! □